

RICHARD RORTY: RELATIVISMO OU ETNOCENTRISMO SOBRE A VERDADE

Eduardo Barbosa Vergolino
Mestrando em Filosofia
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Richard Rorty, um dos mais influentes e por que não ousado, filósofo da contemporaneidade estudou e batalhou por um rompimento do tradicionalismo filosófico baseado numa objetividade empirista. Método usado desde os gregos, passando pelos ideais iluministas e extremamente aceito nos dias atuais. Rorty pretendia fundar a objetividade na solidariedade. Pois somente ela poderia dar o ar de mutabilidade constante que o filósofo tanto desejava. A verdade, segundo o filósofo norte-americano, é por demais sublime para ser contemplada ou afirmada por nós seres mortais. O desejo de verdade deve ser substituído pelo desejo de justificação, que é muito mais plausível de se obter. Entretanto ao explicar em seu livro *Objetivismo, relativismo e verdade*, sobre a temática da justificação e da verdade, Rorty enumera três formas de relativismo. Sendo um deles tomado como o etnocentrismo. Etnocentrismo baseado em princípios e pensamentos pragmáticos. Como afirma W. James “a verdade é o que é bom para nós da comunidade”. Esta idéia de uma verdade contextualizada a determinada comunidade sofre inúmeras críticas de filósofos analíticos e metafísicos. Apesar de o filósofo afirmar a busca pelo alargamento do pronome “nós” incluindo cada vez mais pessoas no que chamamos de “nossa comunidade”. Portanto, nossa proposta neste trabalho é apresentar o conceito de verdade de Richard Rorty e como ele apresenta seu etnocentrismo (que não deixa de ser um relativismo) e as outras formas de relativismo.

ABSTRACT

Richard Rorty, one of the most influential and why not bold, contemporary philosopher of the pragmatism, battled for a disruption of the traditional philosophy based on objectivity empiricist. Method used since the Greeks, through the Enlightenment ideals and highly accepted nowadays. Rorty wanted to establish the objectivity in solidarity. Only because it could give the air of instability in which the philosopher both wanted. The truth, according to the American philosopher, is just too high to be covered or asserted by us mortal beings. The desire for truth must be replaced by the desire for justification, which is much more likely to get. However to explain in his book *Objectivity, relativism and truth*, on the theme of justification and truth, Rorty lists three forms of relativism. One of them being taken as the ethnocentrism. Ethnocentrism principled and pragmatic thoughts. As William James said: "the truth is what is good for our community." This idea of a truth contextualized to a certain community suffers many criticisms of analytical philosophers and metaphysical. Although the philosopher say the search for extension of the pronoun "we" including more and more people in what we call the "our community". So our proposal in this paper is to present the concept of truth of Richard Rorty and how he presents his ethnocentrism (which it is a relativism) and other forms of relativism.

INTRODUÇÃO

Rorty busca um conceito de verdade baseado nas relações dos homens, em seus contextos, culturas e formas de interação que incluem a justificação como forma de se ver a verdade. Diferentemente de Habermas e Apel que buscam ainda a verdade numa relação do mundo humano com o mundo não humano. A busca pela verdade entre Habermas e Rorty mostra-se como uma briga pela elevação da justificação e da verdade como as formas certas de conceituar o que queremos chamar de verdade. Rorty defende “que aquilo que os filósofos têm descrito como o desejo universal de verdade fica mais bem descrito como o desejo universal de justificação” (HABERMAS, 2004, p 105).

Para o filósofo norte-americano, a busca pela verdade como argumento transcendente, ou seja, que pode ultrapassar os limites da cultura a qual foi elaborada é um caminho obscuro e sem muitas saídas. A verdade como regra transcendente de contextos caracteriza-se mais como uma crença, e não como um conceito justificável. “Uma diferença entre a verdade e a justificação é aquela entre o irreconhecível e o reconhecível” (HABERMAS, 2004, p. 106).. Uma crença pode ser justificada diante de um público específico e restrito, mas é quase impossível uma crença ser justificada diante de todos os públicos possíveis e futuros. A verdade como conceito geral e único é demasiadamente utópico, perfeito, o que para Rorty é simplesmente irreconhecível. “Para mim, a verdade é justamente um objeto desses. É demasiado sublime, digamos assim, para ser reconhecido ou visado. A justificação é apenas bela, mas é reconhecível, portanto, capaz de ser sistematicamente buscada” (HABERMAS, 2004, p.106).

Existem diversas maneiras de se usar a palavra ‘verdade’ diante dos mais variados contextos e públicos. Entretanto, para Rorty, uma das formas de se usar a palavra ‘verdade’ em nossos contextos lingüísticos é o uso acautelatório. É a forma na

qual usamos essa palavra no sentido de contrapor justificação e verdade. É quando se busca afirmar uma determinada crença justificada, porém, não-verdadeira. Este tipo de uso acautelatório se identifica como uma forma de ver nossas verdades atuais apenas como justificadas, mas não verdadeiras. Essa forma de ver, por exemplo, pode ser compreendida da seguinte forma. Nossos antecedentes no mundo definiram através de suas razões formas de viver ética e moralmente que eram tidas como justificadas e verdadeiras e, nos dias atuais nos parecem tão primitivas quanto nos primórdios da civilização. Esse tipo de análise pode ser encarado também no sentido futuro, “[...] quando dizemos que nossas atuais crenças morais e científicas podem vir a parecer tão primitivas a nossos descendentes remotos quanto as dos antigos gregos nos parecem hoje” (HABERMAS, 2004, p. 112).

A premissa de base rortyana se apóia num corolário do princípio de William James, o qual diz que só podemos trabalhar por aquilo que reconhecemos. A única diferença entre verdade e justificação segundo Rorty, é a diferença no que se assume como verdade diante de audiências velhas e audiências novas. Como uso acautelatório, a palavra verdade possui o mesmo sentido da palavra perigo. Adverte-nos da possibilidade de não termos analisado e refletido sobre todas as conseqüências possíveis da ação que nos propomos a fazer. Este uso acautelatório possui a função, se podemos dizer assim, de lembrar as pessoas que enfrentam circunstâncias – audiências em contextos diferentes – possam não conseguir justificar triunfantemente o que até o momento era assim justificado.

A QUESTÃO

Em seu livro ‘Objetivismo, relativismo e verdade’ Richard Rorty coloca claramente o seu posicionamento pragmático sobre como devemos entender e encarar a busca pela verdade. Este conceito trabalhado e estudado desde os gregos até hoje gera várias discordâncias e reflete inúmeros pontos de vista diferentes.

A tradição da cultura ocidental, centrada na noção de busca pela verdade, a tradição que corre desde os filósofos gregos e atravessa o iluminismo, é o exemplo mais claro da tentativa de encontrar um sentido para a existência a partir do abandono da solidariedade em direção à objetividade. A idéia de verdade como algo que persuade por sua própria causa, não por ser boa para nós, ou para uma comunidade real ou imaginária, é o tema central dessa tradição (RORTY, 1997, p. 37).

Diante deste caminho seguido pela história do pensamento em busca de tornar a verdade o mais objetiva possível, pode-se observar em nós e no nosso dia a dia o que chamamos de verdade. Esta forma de pensar a verdade como uma correspondência necessária com a natureza das coisas, do mundo natural, acabou por introjetar em nós um pensamento realista acerca da verdade. “Para serem verdadeiramente racionais, os procedimentos de justificação precisam conduzir à verdade, à correspondência com a realidade, à natureza intrínseca das coisas” (RORTY, 1997, p. 39). Esta concepção realista da verdade como objetividade é contraposta ao desejo dos pragmáticos de reduzir a objetividade à solidariedade. Como disse William James, “a verdade é o que é bom para nós acreditarmos”. Esta posição pragmatista é tradicionalmente chamada de ‘relativista’ pelos realistas. Mas os pragmatistas tomam das três visões realistas sobre o relativismo apenas aquela que se refere à visão de verdade como sendo formas de procedimento de justificação restritas à nossa comunidade, a qual está acostumada com os mesmos processos de justificação e linguagem.

Richard Rorty segue o caminho dos pragmáticos como dito anteriormente. Sua posição acerca do conceito de verdade é elaborada através da mudança da objetividade como centro para o estabelecimento da verdade, para uma justificação etnocêntrica baseada na solidariedade.

Mas o pragmático não tem uma teoria da verdade, muito menos uma teoria relativista. Enquanto partidário da solidariedade, sua avaliação do valor da investigação humana cooperativa só possui uma base ética, não uma base epistemológica ou metafísica. Não tendo qualquer epistemologia *a fortiori*, ele não possui nenhuma epistemologia relativista (RORTY, 1997, p. 47).

A busca de Rorty, assim como os pragmáticos em geral, está na concepção de verdade como uma forma de justificação capaz de tornar a comunidade na qual se discute a mais bem organizada e de convívio harmônico. Tomando a verdade como uma justificação boa e aceita por toda a comunidade.

Assim, a sugestão pragmática de que nós devemos substituir uma fundação (meramente) ética por nosso senso de comunidade – ou melhor, que nós devemos pensar em nosso senso de comunidade como não tendo nenhuma fundação para além da esperança compartilhada e da confiança criada por um tal compartilhar – é promovida sobre um solo prático (RORTY, 1997, p. 50).

A verdade, assim como Rorty a pensa, não tem um caráter transcendental ou a-histórico. Na medida em que forem surgindo novos debates, e novos argumentos ou justificações para as premissas tidas como verdadeiras, poderá ocorrer mudanças de acordo com os moldes da linguagem no momento, independente se hoje ou no ano de 2455.

Rorty não apenas critica o reducionismo objetivista dos filósofos tradicionais, mas também, a utilização ou fundamentação da verdade através de fundações absolutas capazes de colocar a verdade como sendo estabelecidas por uma relação já intrínseca ao homem. Essas fundações absolutas são limites castradores ao desenvolvimento da filosofia. Uma teoria do conhecimento não pode ficar restrita a velhas superstições e inseguranças humanas, mas deve sempre romper e buscar meios para emancipar nossa cultura de forma a basear seu pensamento sobre a verdade como algo relacionado à sua prática social, e não baseando em entidades ditas absolutas pelo homem.

A necessidade de justificar as crenças nas quais acreditamos serem verdadeiras impõe aos indivíduos uma prática social mediada através da linguagem. Já que a linguagem é uma prática social e todas as afirmações acerca da veracidade de uma crença são formuladas através dela, não podemos deixar de concluir com Rorty de que o estabelecimento de toda crença como verdadeira é uma questão de prática social.

“Já que a justificação de uma crença – de toda crença – acontece dentro da linguagem, que é uma prática social, a justificação – qualquer justificação – é ultimamente uma questão de prática social, da mesma maneira” (WAAL, 2007, p. 209).

Ou seja, a linguagem e a relação social estão intimamente ligados ao que chamamos de verdadeiro ou falso. Em contraste, não podemos dizer que ao chutarmos uma pedra obtemos uma resposta errada ao afirmar a dureza da pedra ao sentirmos a dor no pé. As impressões sensíveis possuem um valor capital no processo de elaboração das crenças humanas. Porém, a afirmação da dureza da pedra ao sentirmos a dor ao chutá-la não faz parte da crença, mas sim, do estímulo, do meio pelo qual percebemos a dureza da pedra. Não podemos confundir o meio pelo qual formamos nossas crenças com as próprias crenças. Os estímulos sensíveis do corpo humano após serem transmitidos ao cérebro passam a formar uma série de definições acerca deste estímulo. O processo de justificação e sua expressão são lingüísticos e por isso a sensação não poder ser tomada como a verdade, mas sim, como meio.

Em seu livro *Philosophy and Social Hope*, Rorty afirma a conexão existente entre a justificação e a verdade como sendo uma única, a ver, “A única conexão entre essas duas noções é que, pelas mesmas razões que uma crença é verdadeira, a maior parte das crenças são justificadas” * (RORTY, 1999, p. 37). Portanto, apesar de estímulos sensíveis serem abordados como meios para a obtenção de crenças verdadeiras, o mote central da filosofia rortyana apresenta a verdade como sendo uma questão de justificação embasada no uso da linguagem pelos indivíduos da comunidade. Essa é a razão, podemos acreditar, na maior parte de nosso conjunto lingüístico (aqui me refiro a conjunto lingüístico como vocabulário) acreditarmos ser verdadeiro. Nossas crenças estabelecidas pelo nosso vocabulário são tidas como verdadeiras pois acreditamos nas justificações dadas a elas.

[...] mas se um dia pudermos conciliar-nos com a idéia de que a maior parte da realidade é indiferente a nossas descrições dela, e de que o eu humano é criado pelo uso de um vocabulário, e não por se expressar adequada ou inadequadamente num vocabulário, teremos ao menos assimilado o que havia de verdadeiro na idéia romântica de que a verdade é construída, e não encontrada. O que há de verdadeiro nessa afirmação é apenas que as linguagens são feitas, e não descobertas, e que a verdade é uma propriedade de entidades lingüísticas, de frases (RORTY, 2007, p. 31).

* The only connection between these two notions is that, for the same reason that most beliefs are true, most beliefs are justified. (No original)

Muitas vezes não indagamos sua autenticidade, sua veracidade ou sua validade. Apenas acreditamos porque nossa comunidade de forma conjunta acredita como sendo verdadeira tal crença. As crenças tidas como verdadeiras necessitam de uma justificação racional e, na sociedade em que vivemos, o desejo por objetividade e as respostas positivistas são a base para essas crenças. Rorty, entretanto, busca fundar a objetividade à solidariedade transpondo o modelo positivista-objetivista ao modelo pragmático-etnocêntrico.

Conquanto os pragmáticos como Rorty procuram uma solidariedade capaz de deixarmos de lado as relações entre as práticas de nossa comunidade particular e sua relação com algo transcendente a esta comunidade. Pensar assim não faz dos pragmáticos pessoas aversas a objetividade. Mas esse tipo de pensador busca uma objetividade diferenciada. Uma objetividade que busca alcançar a maior concordância intersubjetiva possível, o desejo de aumentar a participação daqueles que incluímos no pronome “nossa” quando falamos nossa comunidade. Desta forma, a objetividade pragmática não está preocupada em transcender a povos, culturas e o tempo, pois encara a possibilidade de mudança como algo intrínseco a história da humanidade. Novos argumentos, vocabulários, pessoas e públicos irão surgir e poderão, com efeito, transformar “nossas verdades” em verdades ultrapassadas e sem sentido, assim como dizemos de nossos antepassados em diversos casos.

Para Rorty, o termo verdade apresenta-se em diversas culturas como uma forma de aprovação, assim como os termos “aqui”, “lá”, “ali”, “tu” e “eu” significam o mesmo em todas as culturas. Eis aqui um dos pontos pelo qual Rorty prefere ser encarado não como um relativista e sim como um etnocêntrico. Pois assim ele se sente livre para usar o termo verdade a partir do seu ponto de vista. Do ponto de vista da sua comunidade particular. O pragmático não pode ser acusado de relativismo visto que ele divide a raça humana entre aqueles a quem devemos justificar nossas crenças e os outros. A partir de uma leitura do mundo desta forma, vemos que todos nós somos etnocêntricos, que nossa forma de lidar com o mundo resume um pensamento a procura de justificação para crenças obtidas através de uma linguagem que compartilhamos e buscamos justificar diante de nossa comunidade. “É por isso que eu penso que precisamos dizer, a despeito de Putnam, que ‘só há o diálogo’, somente nós, e livrarmos dos derradeiros resíduos da noção de ‘racionalidade transcultural’” (RORTY, 1997, p. 50).

Dentro desta perspectiva da verdade como sendo um termo fundado na prática social e intimamente ligado ao conteúdo lingüístico dos indivíduos, Rorty apresenta um padrão colocado por Davidson como um padrão entre a racionalidade, a verdade e o significado.

Segundo Davidson, existe 'um padrão fundamentalmente racional que, em linhas gerais, tem de ser compartilhado por todas as criaturas racionais'. Esse padrão criado pela racionalidade é o mesmo criado pela verdade, e também o mesmo padrão criado pelo significado. Não é possível ter a linguagem sem a racionalidade ou ainda sem a verdade (RORTY, 2005, p. 9).

É importante perceber que a linguagem assim como a racionalidade são produtos de uma prática social. E a verdade um resultado de justificações bem sucedidas ambientadas e trabalhadas através destes dois pontos, a racionalidade e a linguagem. Da mesma forma como não podemos inferir que exista uma linguagem sem racionalidade e, uma verdade sem linguagem.

CONCLUSÕES

Concluo, portanto, essa apresentação fazendo uma retrospectiva da questão apresentada, a saber, a questão sobre a verdade em Richard Rorty. Ressaltando que apesar de Rorty “costurar” sua posição acerca da verdade em diversos filósofos como Davidson, Dewey, James, Habermas, Putnam e Apel, ele o faz apresentando seu ponto de vista pragmático. Pois o pragmatismo tem a verdade não como algo absoluto e transcendental, mas sim como um método. A busca pela verdade não pode ser determinada como em uma função bioquímica, algo exato a ser buscado. Devemos sim buscar a verdade como uma forma de alcançar o maior número possível de adeptos para nossas crenças justificadas por meio de uma linguagem comum. Enquanto procurarmos uma verdade absoluta e transcendental que se diga absoluta e estática, estaremos no caminho errado para desenvolvermos a comunidade em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e Justificação**: ensaios filosóficos. trad. Milton Mota. Edições Loyola. 2004.

RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

_____. **Philosophy and social hope**. Penguin Books, 1999.

_____. **Contingência, ironia e solidariedade**. tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Verdade e progresso**. tradução Denise R. Sales. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

WAAL, Cornelis de. **Sobre pragmatismo**. Edições Loyola. São Paulo, 2007.